

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A produção da Família Brasileira através de uma Revista produzida em família: um estudo de gênero na experiência da Revista Feminina no início do século XX

Ana Carolina Eiras Coelho Soares¹

A *Revista Feminina* foi fundada por Virgilina de Souza Salles em 1914, na cidade de Mogi das Cruzes. Os três primeiros exemplares saíram em formato de jornal editado com o nome de *Luta Moderna*, até que houvesse a mudança do nome. Sua proposta era criar uma “leitura sã e moral” para a “educação doméstica e para a orientação do espírito feminino” dentro de padrões que trouxessem uma verdadeira educação da mulher. A revista se pretendia ser uma produção feita por mulheres para o público exclusivamente feminino.

D. Virgilina de Souza Salles era filha de Antônia Barbosa de Souza e Cláudio Justiniano de Souza, membros da elite paulista², e suas pretensões pedagógicas se mostraram em bastante consonância com os ideais morais católicos moderados desse momento histórico. A *Revista Feminina* propagava uma maneira de contribuir para a elevação da instrução feminina, e redigiu sobre diversos temas desse universo até o final de sua publicação. No entanto, a proposta de ser uma revista inovadora na luta feminina não continha nenhuma pretensão em ir de encontro com os padrões de comportamento vigentes. A defesa indelével durante três décadas de publicação do ideal de esposa e mãe não deixam dúvidas quanto as funções primordiais da mulher.

Mas, de fato alguns fatores foram inovadores para os padrões de publicações do início do século XX. A começar pela iniciativa de D. Virgilina de Souza Salles, em reunir mais de 60.000 endereços organizados por todos os estados brasileiros e ter enviado gratuitamente um total de 30.000 exemplares buscando angariar assinaturas, no intuito de continuar a sua circulação.

O dinheiro para a edição de tal empreitada aconteceu por um acordo publicitário entre a revista com a indústria de produtos de beleza das tinturas de cabelo Petalina e creme

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UERJ e bolsista FAPERJ.

² Schuma Schumacher, Erico Vital Brazil. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 523.

Dermina, de propriedade de Cláudio de Souza, irmão da dona da *Revista Feminina*, que além de literato exercia a função profissional de médico.

Apenas isso, já lhe conferia um status de inovação, uma vez que sua idéia de angariar assinaturas através da distribuição de exemplares gratuitos, a partir de uma sociedade com uma indústria de beleza já demonstra que a *Revista Feminina* foi um projeto editorial que acompanhou as mudanças modernizantes do início do século XX. Havia a aliança de um ideal pedagógico com as necessidades do sistema capitalista que se impunha as regras de produção no Brasil dessa época.

Inicialmente houve pouco mais de mil assinaturas, mas esse número não era o suficiente para cobrir os custos. No entanto, outra estratégia inovadora garantiu sua continuidade. A revista funcionava à base de assinaturas e em cada estado brasileiro havia uma embaixatriz nomeada para ser a responsável pelo recebimento, distribuição e divulgação para as leitoras de sua região. O prestígio conferido a estas senhoras era tal que todo número era publicado a foto de uma delas com os agradecimentos pelos seus esforços.

Cláudio de Souza também foi responsável pelos contatos com diversos intelectuais renomados, garantindo a sua colaboração.

Em doze meses a sua tiragem girava em torno de 15.000 exemplares, e em no início da década de vinte chegou a 25.000 exemplares vendidos, sendo considerado um enorme sucesso editorial, uma vez que seu público alvo era restrito – voltava-se apenas para as matérias de interesse feminino. Deve-se levar em consideração também as questões históricas do período, uma vez que o índice de analfabetismo da população ainda era significativo e os jornais de maior publicação no mesmo período chegavam somente ao número de 10.000 exemplares³. Sob esse aspecto, a *Revista Feminina* foi um grande sucesso. Tanto que em 1924 foi aberta uma sucursal no Rio de Janeiro. Embora, em momento algum durante as edições, tenha sido explicitado as razões da abertura de uma “filial”, creio que haja relação com o delicado momento vivido em São Paulo com as tensões deflagradas do movimento tenentista, além de demonstrar um maior *status* para a editoria da revista ao fixar-se na capital do país.

Dentre as diversas estratégias diferenciadoras da *Revista Feminina* destacou-se também a iniciativa de expor os trabalhos das leitoras que quisessem enviar à redação, tais como bordados, toalhas ou rendas, e vendê-los retirando apenas uma comissão para os custos da redação. Era uma forma de incentivar o trabalho feminino sem ferir a idéia de que sua dimensão deveria estar restrita ao domínio do privado.

³ Ducília Buitoni. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986, p. 44.

Há uma explicação altruísta sobre tal assunto na matéria intitulada *O nosso êxito: o que dizem de nós*, de Janeiro de 1921

Todas as pessoas que quisessem podiam mandar seus trabalhos para a revista. Isso era para ajudar a mulher. Como a mulher não podia trabalhar, às vezes muito necessitada, mandava rendas do Norte, lindíssimas toalhas; a revista vendia e só tirava uma pequena comissão para sustentar as despesas da exposição. A revista estabelecia também concursos e vinham trabalhos muito bonitos.

No decorrer da narrativa cita que a Baronesa de Araripe vinha constantemente adquirir alguns itens desse “bazar beneficente”. Entretanto, existem algumas questões sobre tal atitude. A Revista Feminina propunha-se desde seu início a ser uma publicação voltada para um público feminino de senhoras de camadas sociais mais elevadas. Mas falava na matéria de mulheres sem condições sociais. E fazia questão de ressaltar que uma digna senhora – a Baronesa de Araripe, utilizando ainda a titulação nobiliárquica do Império, comprava regularmente os produtos oferecidos, dando credibilidade e seriedade as tais exposições. Além disso, e fundamental era que o corpo da redação e muitas das colaboradoras recebiam um salário fixo. D. Virgilina viveu em seus últimos anos exclusivamente dos ganhos de sua revista. A Revista Feminina constituiu-se, portanto, em uma das precursoras do jornalismo feminino que se pretendia profissional.⁴ Levando-se em consideração que D. Virgilina era mulher da elite paulista seu sustento certamente não deveria advir de seu salário, mas ainda assim, a iniciativa de garantir que todas as pessoas envolvidas na redação era remuneradas retirava-lhe a idéia de apenas projeto de contribuição altruísta, mas sobretudo, de uma empreitada que pressupunha assalariamento dos profissionais envolvidos que necessitavam dos lucros da publicação para a continuidade da revista.

Os novos ares capitalistas esbarravam em iniciativas repletas da continuidade da mentalidade da época do império. Tal qual um salão, a Revista Feminina fazia questão de anunciar que em sua redação constava uma biblioteca aberta para à consulta de todas que desejassem, além da exposição permanente de produtos enviados pelas leitoras. Era como a casa de uma amiga esperando a visita de suas amigas leitoras.

A revista tinha uma correspondência muito grande com todas as embaixatrizes. Elas faziam da Revista uma conselheira, escreviam contanto seus problemas e eu respondia (...) Essa correspondência era particular, não saía da revista.⁵

⁴ Revista Feminina. Outubro de 1918.

⁵ Depoimento feito por Avelina de Souza Sales, filha de D. Virgilina de Souza Sales. In: Sandra Lúcia Lopes Lima. Espelho da Mulher: Revista Feminina (1916-1925). São Paulo: USP, Tese de doutoramento, USP, 1991, mimeo, p. 231.

Dentro dos padrões morais das editoras, a publicação de assuntos considerados íntimos e, portanto, de foro domiciliar deveria permanecer no sigilo da confiança que suas leitoras delegavam a revista. Não constam registros dessa correspondência, que deveria funcionar como uma espécie de consultório sentimental, e muitas vezes médico, dado à imposição do silêncio sobre os assuntos relacionados à sexualidade e ao corpo, heranças de um país católico patriarcal. No entanto, pelo depoimento de D. Avelina de que a correspondência era abundante, deixava claro que as dúvidas existiam e a revista se qualificava como uma autoridade para sanar os problemas de suas leitoras.

Em minha análise inicial da produção desses impresso acredito que a Revista seria então uma produção *sui generis*. A revista se “vendia” a idéia de ser uma produção feita por mulheres para o público exclusivamente feminino, montando estratégias que ratificassem esse mito. O estudo da *Revista Feminina* permite então, identificar quais as representações sociais e padrões de comportamento socialmente desejáveis para as mulheres das camadas médias na sociedade brasileira.

Fontes:

Revista Feminina (São Paulo – SP).

Abril a Dezembro de 1915; Janeiro a Dezembro de 1916; Janeiro, Março a Dezembro de 1917; Janeiro a Dezembro de 1918; Janeiro de 1920 a Março de 1930; Outubro de 1932; Janeiro a Abril, Junho, Agosto, Novembro de 1933; Março, Junho, Setembro, Novembro, Dezembro de 1934; Janeiro a Dezembro de 1935; Fevereiro a Março de 1936. (Fundação Biblioteca Nacional, seção de periódicos PR SPR 00844).

Referências bibliográficas:

BASSANEZI, Carla. “*Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)*.” Em Cadernos Pagu. De trajetórias e sentimentos. Publicação do Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. São Paulo: Campinas, n. 1, 1993.

_____. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BUITONI, Ducília. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. “*Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)*.” Em Cadernos Pagu. Fazendo história das mulheres. Publicação do Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. São Paulo: Campinas, n. 4, 1995.

- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- _____. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- _____. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas*. Brasília: UNB, 1994.
- _____. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da Mulher: Revista Feminina (1916-1925)*. São Paulo: USP, Tese de doutoramento, USP, 1991, mimeo.
- SCHUMACHER, Schuma E BRAZIL, Erico Vital. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.